Desertores de colonialidade

Reconhecimento e resistência política em juventudes negras e indígenas ativistas do clima no Brasil

Mariana LEAL DE BARROS

CEBRAP Sustentabilidade (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento)

Resumo : Este capítulo aborda como jovens lideranças negras e indígenas dedicadas à luta socioambiental no Brasil são emblemáticas para discutirmos os impactos subjetivos da emergência climática. Engajam-se na luta de forma a trazer a periferia ao centro do debate, denunciam as condições desiguais no enfrentamento aos efeitos das mudanças do clima e reconhecem epistemologias silenciadas que contribuem para que trilhemos caminhos inventivos nesta batalha. Fortalecidas pelo reconhecimento de lutas comuns e inspiradas por um repertório ancestral de resistência, estas lideranças oferecem pistas inventivas e reparadoras. Elaboram trauma enquanto tecem futuro.

Palavras-chave : luta socioambiental ; juventudes negras e indigenas ; futuro ; resistência politica

Introdução

"Decidi que não vou fazer faculdade. Pra que estudar ? Estudar cinco anos de graduação, depois mais alguns pra poder atuar, e quando começar a trabalhar, o mundo vai acabar. Já desisti"
(18 anos, branca, classe média)

"Me bateu aquela ansiedade, fico pensando... Será que vale ? Estudar tanto pra tentar entrar em medicina, fazer a graduação, depois a residência até poder trabalhar...vai ter mundo até lá ?"
(21 anos, branco, classe média)

Ouvi o primeiro extrato clínico de uma psicóloga na ocasião de uma supervisão de casos. A profissional relata que a garota buscou atendimento por se sentir deprimida e desmotivada. No entanto, em uma das sessões, chegou resoluta, decidida a viver "os dez últimos anos do planeta" sem maiores investimentos. A partir de então, apenas trabalharia ; afinal, de que vale estudar se o mundo vai acabar ?

A psicóloga enxergou um conteúdo delirante no relato da jovem e ficou confusa com a "motivação" pela desistência. Perguntei-lhe o quanto estava informada à propósito da emergência climática, ao que me respondeu prontamente : nada. Efetivamente, pode ter havido um exagero, já que não temos dados que sustentem a extinção da espécie humana em dez anos, mas reforcei que a garota entrou em contato com dados alarmantes que precisam ser reconhecidos. Claramente, há engendramentos singulares que levaram a garota a se precipitar pela resignação, mas é preciso que, como profissionais da saúde, possamos refletir sobre como essas juventudes têm sido impactadas por notícias que lhes sequestram o futuro.

Naquela mesma semana, ouvi em meu consultório o segundo extrato clínico. O analisando é um jovem de vinte e um anos que trancou a graduação que realizava para prestar vestibular para medicina. Não estava deprimido, pelo contrário, encontrava-se bastante engajado nos estudos e contente por ter tido coragem de se dedicar à nova carreira. No entanto, foi tomado por uma crise de ansiedade ao entrar em contato com as notícias dos efeitos das mudanças climáticas no planeta e temeu não ter "tempo no mundo" para realizar o que desejava.

As duas falas chegam a mim alguns dias antes da 26ª edição das Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP-26)[1] de 2021, período em que as mídias brasileira e internacional se dedicaram às reportagens sobre os perigos da crise climática causada pelo aquecimento do planeta.

Os relatos dos jovens são emblemáticos de um mal-estar que se prenuncia progressivo, e devem ser ouvidos também em seu caráter de denúncia do estado-limite de degradação a que chegamos. Tanto a resignação da primeira jovem, quanto a ansiedade de meu analisando, expõem como se sentem passivos diante desta perspectiva cataclísmica. A derrocada rumo ao fim do mundo lhes parece grandiosa demais diante da pequenez de ambos : jovens, *brancos* e sozinhos.

Destaquei aqui o marcador de raça porque ouvi estas falas enquanto realizava uma pesquisa de observação etnográfica virtual focada na atividade de jovens ativistas do clima. Neste percurso, chamou minha atenção que a maior parte das lideranças de destaque no Brasil é negra ou indígena. Estes jovens mostram-se cientes das informações científicas alarmantes acerca dos efeitos nocivos do aquecimento global, mas a todo momento posicionam a periferia no centro do debate, denunciando o racismo ambiental e alertando sobre o modo pelo qual suas comunidades, dentre outros grupos periféricos, estão no topo da vulnerabilidade desta crise que é socioambiental.

Ao passo que o tema de "justiça climática" tem se popularizado, estas lideranças têm sido convidadas a participar de importantes eventos referentes à emergência do clima, tanto no Brasil quanto no exterior. São de maioria feminina, possuem entre treze e trinta anos e integram organizações sociais como a Perifa Susententável, *Fridays for Future*, Empodera Clima e Engajamundo. Neste texto, apresento o que tenho colhido

[1] Há quase três décadas, a ONU realiza conferências anuais para debater as mudanças climáticas, reunindo representantes de governos de centenas de países, empresários, cientistas e representantes populares. Em 2015, a COP 21 foi realizada em Paris, e estabeleceu o que é reconhecido por « Acordo de Paris », quando diversos países se comprometeram a reduzir as emissões de gases de efeito estufa de modo a manter o aquecimento global abaixo de 2º C até o fim deste século, com esforços para não ultrapassar 1,5º C.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

desta experiência que acompanhou diferentes perfis públicos das juventudes negras e indígenas ativistas do clima por meio de publicações em redes sociais (Instagram e Linkedin), mídias impressas e entrevistas em vídeo (Youtube) desde 2021.

A capacidade inventiva com que conquistam ouvidos para o debate e convocam não apenas outros jovens para o ativismo, mas também empresas e órgãos públicos, contrasta com a desesperança e ansiedade desamparadas de quem se debruça sobre o tema e toma consciência do perigo de extinção de tantas espécies, inclusive a humana (Clayton, 2018 ; 2020 ; Dörries, 2010 ; Ma, Moore e Cleary, 2022). Passei a me perguntar, assim, o que faz com que possam confeccionar essa via alternativa para lidar com os indicativos assombrosos do aquecimento global e, ainda assim, sustentarem posições de enfrentamento.

Já possuímos pesquisas de como jovens engajados em projetos sociais e luta política, de maneira geral, são fortalecidos no laço social ao exercerem experiências de responsabilidade cívica ativa (Castro, 2008 ; Castro, Perez e Silva, 2010, Maia, 2013 ; Perondi, 2013, Pleyers, 2005). Mais especificamente, o ativismo ecológico possibilita um senso de "esperança coletiva" (Spyrous, 2020) que lhes motiva a agir diante dos dados assustadores (Bacelar ; Castro, 2015 ; Gonçalves, 2010 ; Paz e Higuchi, 2018 ; Peixoto, 2011). Todavia, noto que as lideranças "periféricas" que tenho acompanhado revelam particularidades preciosas para pensarmos nossos tempos.

Irrompem fortalecidas no laço que reconhece pares de luta e se orienta pelo repertório ancestral de resistência que tocam ambas as populações : negras e indígenas no Brasil. Ainda que este trabalho comporte um caráter exploratório e a pesquisa esteja em andamento, sugiro que seja justamente por meio do movimento de empuxo da periferia para o centro, que têm encontrado força para seguirem criativas e inventoras. Dar-lhes ouvidos permite que trilhemos pistas sobre como enfrentar o trauma que se apresenta no futuro, problemática concreta e subjetiva que só se realizará coletivamente.

1 Desertores de "adultismo", colonialismo e tanto mais

"Chaque génération doit dans une relative opacité découvrir sa mission, la remplir ou la trahir"
Frantz Fanon, 2008 [1952]

Abigail Campos Leal (2021, p. 18), artista, escritora e pesquisadora em filosofia, narra que foi interpelada em uma de suas aulas pela pergunta : "Tia, você é não-binária ?". Surpresa com a destreza com que a garotinha preta de dez anos manuseava o repertório sexo-linguístico dos « desertores do gênero » e interpretava a sua performatividade, Abigail dá-se conta que aquela cena lhe informava sobre nossa época muito mais do que tantas análises historiográficas recentes. Alerta-nos, assim, para a necessidade de "exercitarmos uma sensibilidade, um faro histórico" para ouvirmos o que tem sido dito por corpos e subjetividades oprimidas pelo violento processo colonizatório :

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

> "Mais de dois mil anos de saques, pilhagens, espólios de guerra, de roubos y escravidão, de dívidas[2] y trapaças, mais de dois mil anos de envenenamentos y assassinatos, de proletarização e miséria, de exclusão y encarceramentos, de ecocídios e desastres ambientais, de genocídios e extermínios, mais de dois mil anos de fundamentalismo cristão, de epistemicídio y genocídio, de ódio y medo das diferenças (raciais, culturais, de gênero y sexualidade, de espécie…), mais de dois mil anos de colonialismo y supremacismo branco. Mais de dois mil anos de resistência, mais de quinhentos anos de resistência ferrenha" (Campos Leal, 2021, p. 20-21)

"Desertores", esta nomeação que compõe o título da obra *Ex/orbitâncias : os caminhos da deserção de gênero* (*ibid.*) me parece apropriada para dizer a respeito do que temos experimentado socialmente : "que ou aquele que abandona (ou se ausenta de […]. trânsfuga. […] que ou aquele que abandona uma causa, um partido, uma luta qualquer do qual era partidário ou um dever ou compromisso que estava afeito ou vinculado"[3]. A autora oferece-me repertório para também ler as inventividades que surgem com as jovens lideranças negras e indígenas que, como observo, tanto se revelam "desertore/as" de gramáticas subjetivas euro-brancas quanto herdeiros de "resistência ferrenha".

Os últimos anos de governança da extrema direita no Brasil escancararam a constatação de que o colonialismo ainda arde como "ferida aberta" (Kilomba, 2019), permanece como "assombro" e segue alicerçado no racismo, que fortaleceu as bases da modernidade e fundamentou o paradigma epistemológico ocidental (Rufino, 2019 ; Moore, 2009). Aimé Césaire (1978) e Frantz Fanon (1968, 2008 [1952]), precursores da análise social pelo prisma da colonialidade, denunciaram o empreendimento perverso que disseminava um desenho de humanidade projetado para poucos desde a primeira metade do século XX. No entanto, é nos últimos anos que estas compreensões têm alcançado um público mais amplo (Faustino, 2015), chegando, inclusive, às redes sociais e às narrativas das juventudes a que me refiro.

Os estudos sobre a colonialidade apresentam como a maior parte da população foi desumanizada e desvitalizada para que seus algozes pudessem explorar sem que se sentissem eles próprios, monstros e selvagens (Fanon, 1968, 2008 [1952] ; Mbembe, 2018, 2019). Quem vive e quem morre é determinado pelo engendramento que mata antes que se morra, determina o valor das vidas que importam e diferencia quem é pacífico, violento, belo, horrendo, cidadão ou marginal (Faustino, 2018). O processo civilizatório objetificou "o resto", incluindo o que ficou entendido por natureza, que passa a ser consumida, explorada como matéria bruta à disposição, inerte.

Neste sentido, Latour (2015) recorre ao termo Gaia para se referir à Terra como estrutura viva : de nada adianta a ecologia tutelar a proteção da "natureza" como uma vítima das mãos humanas ; continuaremos minguando, como ocorreu com tantos movimentos "verdes" inspirados na veia colonizatória que também disseminou a dicotomia ser humano-natureza. Apesar das mudanças climáticas se configurarem

[2] A autora, poeta e artista, escreve enquanto politiza, ou politiza também enquanto escreve, reapropriando-se das normas cultas da língua e inserindo novas construções lexicais.

[3] Significado de Desertor em Michaelis Dicionário On-line.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

progressivamente como um dos maiores problemas do planeta, a dificuldade de ação global explicita que, sem a constatação da dimensão humana do fenômeno (Ferreira, 2019) e a compreensão de que por "humano" não podemos perpetuar a leitura "moderna" que excluiu a maior parte da população, não será possível cogitarmos um "mundo comum" (Latour, 2017).

O campo das infâncias e juventudes não ficou apartado desta sistemática excludente e nefasta, pois a colonialidade e o imperialismo capitalista também regulam seus modos de inscrição no mundo (Castro, 2021a ; Millei, 2021). Quando em presença de senhores brancos que decidem o futuro da humanidade, tanto Greta Thunberg, célebre jovem ativista sueca, quanto Txai Surui, liderança indígena do povo suruí do Brasil e ativista por justiça climática, precisam gritar muito alto contra séculos de invisibilidade e silenciamento.

Crianças e jovens ainda se deparam com o menosprezo político que lhes reduz a agentes subalternos na ordem política, apesar de constituírem um quarto da população mundial, ou seja, cerca de 7,6 bilhões de pessoas (Castro, 2021b). Quando se tornaram objeto de interesse científico, foram apreendidos dentro de um modelo de desenvolvimento humano de origem europeia e ocidental que lhes concebem como seres inábeis e inferiores, percebidos naquilo que falta em relação ao adulto, considerado o ápice dentro de uma linha evolutiva das competências pelo prisma "racional"[4].

Além disso, este achatamento desenvolvimentista da inteligência e das subjetividades, ao privilegiar a racionalidade instrumental, desprezou a sensibilidade, os dons afetivos, intuitivos e imaginativos não apenas das crianças, mas também de adultos "outros" (*ibid.*). Infantilizados e animalizados, crianças, jovens, mulheres (e corpos feminizados), pessoas racializadas, com deficiência ou quaisquer outros marcadores sociais de diferença, foram e ainda são compreendidas por um espectro de desenvolvimento emocional, moral e cognitivo que lhes aparta do processo decisório da civilização (*ibid.*).

Se no fim do século XX os estudos sobre infâncias e juventudes avançam e passam a considerá-las em suas próprias competências, conferindo-lhes autonomia e direitos, suas leituras permanecem eurocêntricas, tomando o que se entende no norte global como universal (Qvortrup, 1994 ; Qvortrup, Corsaro e Honig, 2011 ; Castro, 2021b). Logo acima citei Greta e Txai, que são parceiras em lutas comuns, mas é fundamental perceber que as duas não falam do mesmo lugar e não representam por todo o grupo. Como aponta a própria Txai Suruí no Programa Roda Viva : "Falam de geração Greta, mas a gente é uma geração de juventudes, a juventude é diversa".

Lucia Rabello de Castro (2021b), pesquisadora brasileira e coordenadora de uma série de estudos que denunciam o globalismo e o universalismo nas leituras de infâncias e juventudes, afirma que o Sul é apreendido como território empírico para aplicação de conceitos confeccionados no Norte. Contudo, é imprescindível construir leituras científicas e agendas de políticas públicas voltadas ao país pelo prisma da colonização e da história de escravidão e exploração econômica, cultural e subjetiva.

[4]Como sustentaram os trabalhos de Gesell (1928), Buhler (1935) e Piaget (1928).

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

Quando dialogamos a partir da psicanálise, de onde também parto, é preciso cuidado para não tomar infâncias ou juventudes por capítulos biológicos ou períodos psíquicos que reduzem a experiência humana e descartam suas fundamentais construções culturais (Bairrão, 2005). Para a psicanalista Ilana Katz (2022), universalizar infâncias incorre, sem exagero, num atentado ético, e é por isso que tem se dedicado a escutar e aprender com o que chama de "infâncias contra-hegemônicas", para efetivamente inscrever o significante "infâncias" sempre acompanhado do "s", no plural. Aqui, me junto a ela ao falar de juventudes, ou seja, diversificando, racializando e territorializando o que podemos entender por essas nomeações.

Em diálogo com Erica Burman (2016, 2019), crítica da perspectiva desenvolvimentista da psicologia vinculada às perspectivas pós-coloniais, Ilana Katz (2022) levanta a urgência de considerar as crianças sujeitos de conhecimento, como "instrumentos analíticos críticos" para, de fato, subverter "o ordenamento da distribuição de poder" e movimentarmos construções acadêmicas, agendas políticas e cursos de mundo.

Além disso, se por um lado há, no campo das infâncias e juventudes, a preocupação pela transmissão geracional dos pais e da sociedade de maneira geral, é preciso que, por outro, haja espaço para que elas se posicionem autoralmente, incorporando ou rejeitando o que lhes é destinado como herança. Para Bairrão (2005), temos dificuldade, por exemplo, de compreender a necessária desobediência das juventudes como "ato de ternura". Ora, é o sujeito reconhecendo que não pode tomar o lugar dos pais, pois dar continuidade não é substituir, é posicionar-se numa difícil equação na qual o sujeito recebe o que é matriz (filiação, profissão, função, responsabilidade), mas também se autoriza a se apropriar para perpetuar, rejuvenescer e recriar a tradição.

Ao que aqui nos cabe, tomo crianças e jovens ativistas do clima como « desertores de adultismo » por apresentarem ao mundo o que os estudos sobre as infâncias defendem há anos, de que as crianças e jovens são atores sociais e portam conhecimento (Spyrous, 2020). Mostram-se cada vez mais conscientes de que é preciso se responsabilizar pela mudança e isso não depende apenas de sujeitos individuais realizarem "atitudes sustentáveis" (Krenak, 2019). Organizam-se coletivamente para que, juntos, componham coro forte o suficiente para promover e exigir mudanças no sistema político e por parte das grandes corporações.

Concebê-las como legítimas testemunhas de mundo que produzem e veiculam saberes[5] tem se mostrado fundamental, por exemplo, na divulgação dos dados acerca das mudanças climáticas. Apesar da emergência do tema, o engajamento popular ainda é muito baixo e isso dificulta a pressão social por mudanças amplas. Também sabemos que alarmar e aterrorizar, por defesa narcísica, mais produz *negação* do que engajamento. Por isso, é tão importante oferecer centralidade às juventudes ativistas do clima, que revelam serem capazes de divulgar dados científicos pelas redes sociais com

[5]Temos visto que o acesso à Internet e a conquista a espaços de fala das juventudes, apesar das torções algorítmicas e dos descaminhos perversos do virtual, também têm permitido que alarguem seu poder de agência e seus espaços de expressão. Julian Burton (2019) defende que a marginalização em que os jovens se encontram é rompida no virtual, onde desenvolvem recursos simbólicos e culturais próprios, com ideias, práticas e vocabulários potentes e inovadores. Têm conseguido, assim, desafiar autoridades e exigir mudanças concretas.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

amplitude e alcance incomparável aos fatores de impacto dos artigos mais renomados (Millei, 2021 ; Spyrous, 2020).

Como já dito, quando nos referimos às juventudes negras e indígenas, é importante frisar que os conteúdos divulgados para tratar da pauta climática são comumente acompanhados de uma consciência socioambiental interseccional. Perceber este cuidado me levou ao texto em que Bairrão (2005) realiza um trabalho com jovens frequentadores de religiões de matriz africana. Para o autor, essas juventudes revelam-se "faróis e lentes de aumento" das lacunas da realidade, resgatando o morto para a vida e transformando a marca marginal em virtude. Amparam-se em saberes que caminham, aparentemente, na contramão da "modernidade", e apresentam outras formas de se relacionar com a natureza, resgatando epistemologias esquecidas e rompendo com um certo "desencantamento de mundo"', como diz o autor (*ibid.*). Neste processo, contestam a subjugação social e requisitam filiações históricas socialmente recalcadas.

Além disso, como veremos, há uma interessante congregação de juventudes negras e indígenas que vem se fortalecendo por meio do ativismo pelo clima. Reconhecem-se mutuamente na longa história de violência e dor de suas comunidades, e é neste lugar que encontram potência.

2 "A mudança virá das periferias" [6]

Há quem possa dizer do alto de seu abrigo leigo e privilegiado que dois graus de aumento de temperatura na Terra não serão tão nefastos. Ora, um pouco mais de calor no verão e invernos menos rigorosos não parecem nenhuma catástrofe. No entanto, a maior parte da população desconhece que há uma média matemática neste número. Os estudos mais otimistas calculam que se muito esforço for empreendido, limitaremos o aquecimento a dois graus no fim do século, e, ainda assim, em muitos lugares a mudança acontecerá de maneira mais acelerada do que em outros. Por exemplo, a temperatura dos oceanos não aquece tão rapidamente quanto a temperatura terrestre e isto entra na conta média. Isso quer dizer que podemos ver a biodiversidade de zonas equatoriais desaparecer de maneira drástica e rápida. Os biomas serão empobrecidos e não sabemos se nossa agricultura comportará capacidade adaptativa para lidar com a irregularidade climática. Além das grandes secas, grandes inundações, furacões, e novas pandemias que serão mais frequentes, há, claro, o incalculável, aquilo que não podemos prever.

O sexto relatório do IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*), divulgado no início de 2022, é detalhado a respeito de como as mudanças climáticas já afetam a saúde, as moradias e os meios de subsistência de grande parte da população mundial. Num esforço científico que articula centenas de grupos de pesquisa pelo mundo, apresenta também como as mudanças climáticas não atingirão a todos da mesma forma e ressalta que as populações da zona equatorial sofrerão mais. Isto é, apesar de os países do Norte serem os maiores responsáveis pelas emissões de gases de efeito estu-

[6] O subtítulo é de autoria de Amanda Costa, jovem ativista pelo clima, mulher negra e jovem embaixadora da ONU, em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo* durante a COP 26 : "A mudança virá das periferias ! Enxergar as periferias no cenário internacional é um dos meus objetivos para demarcar essa posição de decolonizada, periférica e feminista que eu trago para esse espaço" (entrevista concedida a Lucas Veloso, editor do *Expresso na Perifa*, em 4/11/2021).

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

fa, são os países do Sul, América Central e Sudeste Asiático que mais sofrerão com as consequências do aquecimento do planeta.

Os recentes debates sobre racismo ambiental e "justiça climática" (Rougeon, 2022 ; Rougeon *et.al*, 2021 ; Robinson, 2021 ; Silva, 2012), escancaram que a "causa verde" é mais complexa do que imaginavam seus defensores na década de 1990 e apontam engendramentos morais, sociais, éticos e políticos de caráter aparentemente irreconciliáveis nas concepções cosmopolíticas internacionais de justiça (Godard, 2015). A emergência climática clama por ações imediatas, mas esbarra na força contrária à evidência de que mudanças estruturais precisam ocorrer nos modos de produção, consumo e exploração do que ainda se entende como "recurso natural" e "força humana" de trabalho.

Demoramos muito para compreender que justiça ambiental (ou justiça climática) implica, necessariamente, uma luta contra "desigualdade social", e é ainda mais lenta a associação com o racismo (Pellow, 2006). Para Kathryn Yousoff (2018), essa imbricação é direta e, inclusive, geomorfológica, de maneira que cunha o termo *Black Antropocene* para se referir a uma historicidade geográfica de exploração. A pesquisadora afirma que a geologia branca continua propagando imaginários sustentados em uma branquitude[7] que se desresponsabiliza da cultura de extração e exploração do que compreende como bens apropriáveis (corpos, minérios, florestas, água, etc.). Neste sentido, convoca-nos a trocarmos a cegueira racial confortável do antropoceno que permeia nosso imaginário e propõe que a negritude seja um índice material de resistência à projeção deste novo mundo antropocênico.

É notável como essas leituras são ventiladas com maestria pelas lideranças ativistas do clima que tenho acompanhado. Não apenas divulgam informações, como têm contribuído para participar destas investigações. Para Marcelo Rocha, que é cientista social, jovem negro, ativista negritude, mudanças climáticas e fundador do instituto Ayika, ainda estamos muito presos "a uma visão colonizadora ao produzir soluções climáticas". É isso que lhe indigna e faz com que trabalhe por esta causa. Em entrevista ao portal Ecoa-Uol, dias depois de participar da COP-26, afirma : "As pessoas ainda olham o corpo negro como mercadoria, apenas como aquele que pode receber o benefício. E não, eu quero produzir soluções também. [...] É o meu corpo que é mais afetado. Na hora da tragédia, é a gente que morre primeiro"[8].

Amanda Costa, jovem mulher negra embaixadora da ONU e fundadora do Perifa Sustentável e integrante do Coalizão Negra por Direitos[9], começou a compreender que as pautas do clima precisavam se articular com a pauta racial em 2017, quando foi convidada a participar da COP-23 :

> "Lá, eu me senti muito incomodada, porque não *via* pessoas parecidas comigo abordando esse tema. O que eu *via* eram pessoas se apropriando do

[7] Ver Bento (2022), Cardoso (2020) e Schucman (2020).

[8] Entrevista concedida a Juliana Domingos de Lima ao Ecoa-Uol em 13/12/2021.

[9] A Coalizão Negra por Direitos é uma organização que congrega diferentes coletivos com o objetivo de promover ações conjuntas de importante incidência política que, dentre os objetivos, luta por igualdade de direitos e oportunidades, combatendo discriminação racial, promovendo o fortalecimento sistemático da memória para construção do futuro.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

> meu lugar, da minha narrativa, para falar de um problema que me atravessava. […] esses debates são lidos como pertencentes a pessoas brancas, elitizadas, ricas, privilegiadas. Mas, quando a gente aprofunda o debate, trazendo intersecções, a gente entende que a maioria preta e de quebrada está sendo mais impactada." (entrevista concedida à Maiara Marinho ao Eoa-Uol em 14/03/2022)

No encontro com outras lideranças do ativismo pelo clima, Amanda, formada em relações internacionais, passou a compreender que "as pessoas periféricas estão sofrendo com os principais problemas de um sistema que é estruturalmente excludente e fundamentado na exploração da mão de obra preta e na disputa pelos nossos territórios". Na mesma entrevista, complementa que quando começou a "racializar" o debate climático, reconheceu não apenas a dor, mas também a potência de lutar a partir deste lugar. Mulher negra de pele clara, teve o que chama de "epifania racial" em 2019, quando começou a se identificar como "mulher preta" e compreender como a opressão racista tem silenciado e excluído mulheres negras como ela : "Coloco a minha dor para mobilizar"[10].

É possível desconfiarmos que Amanda Costa, assim como grande parte destas juventudes ativistas, tem sido convidada a participar das agendas sobre o clima para fazer bonito na foto, ou seja, para contemplar a "exigência" da diversidade. No entanto, quando chegam a estes espaços que antes lhes eram renegados, estes jovens reclamam poder de agência e protagonismo. Transformam onde chegam e, ao retornarem para seus lugares de origem, não se aquietam. Amanda Costa, por exemplo, construiu o Instituo Perifa Sustentável, um coletivo que tem por missão mobilizar juventudes em ações de sustentabilidade à luz de perspectivas que articulam raça e clima.

Em entrevista à revista Vogue Brasil, ao lado de Ellen Monielle, Vitória Pinheiro e Mahryan Sampaio, Amanda Costa nomeia de disruptivo e inovador colocar seus corpos de jovens mulheres pretas "com sorriso no rosto", criatividade, domínio e propriedade do assunto para defender demarcação de terras indígenas, escancarar o desmonte público brasileiro nos órgãos de fiscalização de danos ao meio ambiente, conversar diretamente com tomadores de decisão e convocá-los "a pensar em soluções descolonizadas, soluções periféricas, que fogem dessa comunicação centralizada"[11].

Mahryan Sampaio, também jovem embaixadora da ONU, ativista e feminista negra parceira no Instituto Perifa Sustentável, complementa : "A gente traz uma agenda que se relaciona com uma visão de mulheres pretas que falam a partir de suas realidades"[12] de maneira que se contrapõem à compreensão de que a periferia deveria ser ensinada a respeito das pautas climáticas e do cuidado ao meio ambiente. Entoar pertencimento e reconhecimento de lugar faz com que lutem para que as necessidades de suas comunidades sejam contempladas.

Gabriela Alves, 24 anos, é cientista social, mulher negra, e juntou-se ao Perifa Sustentável por encontrar ali um caminho para "mudar o mundo", sonho da adolescência

[10] Amanda Costa em entrevista concedida à Maiara Marinho ao Eoa-Uol em 14/03/2022.
[11] Amanda Costa, em entrevista concedida à Gabriela Bardusco para Vogue 5/11/2021.
[12] Mahryan Sampaio em entrevista concedida à Gabriela Bardusco para Vogue 5/11/2021.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

que havia minguado por perceber que não conseguiria fazer nada sozinha. Para ela, não fazia sentido mudar apenas a própria vida : “Eu nunca quis morar em um mundo em que só eu importava, que só eu iria conseguir passar em uma faculdade pública e encontrar um trabalho, em que só eu iria conseguir as coisas sozinha, nem ser a única preta de destaque”[13].

No Perifa Sustentável aprendeu “a importância da rede e como isso é nadar contra a corrente de um mundo em que o umbigo é a meta”. Assim como narram suas companheiras, também é do lugar de mulher preta que se nutre : “Se a minha vida foi resistência, por estar viva como mulher preta aos 24 anos, aprendi que resistir mais ainda é construir essas redes e se articular para lutar”. A aliança lhe retira da solidão que exaure a potência, reconhecem-se mutuamente e dão-se conta de que são muitos : “Dessa reflexão percebo que existir já é um ato de resistência quando você é preto e periférico… quando você passa a sonhar no coletivo… talvez existência seja isso : você cuidar de si e ser um todo”[14].

As narrativas politizadas das jovens, provavelmente, ecoam o trabalho de educação emancipatória que os movimentos negros no Brasil e nos Estados Unidos têm realizado há décadas (Gomes, 2017) e se juntam às epistemologias transmitidas pelas “oralituras” que compõem o senso de comunidade, o enfrentamento da subordinação e o gosto pela esperança.

Para Bell Hooks (2021), o reconhecimento que nasce da conexão é o motor para a potência subversiva, as comunidades de resistência são tecidas por mutualidade, acolhimento e pertencimento. Amanda, Mahryan e Gabriela me levam também à Audre Lorde, que em seu poema “Irmã Outsider”, escrito em 1978, diz ter nascido num tempo pobre de reconhecimento, mas teceu da dor e da solidão um chão sagrado e útil para que outras mulheres negras pudessem brilhar.

Amanda Costa conta que, às vésperas da COP-26, não tinha financiamento para ir à Glasgow. Então, fez um pedido em uma de suas redes sociais e no dia seguinte já tinha mais dinheiro do que o necessário. Em vez de se sentir contente, ficou incomodada e precisou de ajuda de outra mulher negra para compreender o que sentia. Egnalda Côrtes, profissional que ampara jovens negros *influencers*, lhe disse “você é uma mulher negra e mora em uma zona periférica”, portanto, este sentimento “não é uma coisa de agora, é uma coisa ancestral. Onde estavam as mulheres negras ? Elas estavam trabalhando”[15] para os outros. Foi assim que Amanda realizou uma torção no incômodo e decidiu que com aquele dinheiro apoiaria outras como ela para também irem à conferência.

Como disse anteriormente, tenho percebido como juventudes negras e indígenas têm se mobilizado de forma cada vez mais articulada. Somam-se na luta por justiça climática, mas não apenas : atestam o horror do processo colonizatório brasileiro e reconhecem a potência que o repertório de resistência lhes oferta. Seus pares, vivos ou não,

[13] Entrevista concedida à organização internacional 350.org em 04/2021.

[14] A história de Gabriela Alves foi colhida pelo 350.og, que convidou diversos ativistas pelo mundo a contarem suas histórias de resistência. Está publicada desde início de 2022 no portal Ourclimateimpact.org.

[15] Amanda Costa, em entrevista concedida à Gabriela Bardusco para Vogue 5/11/2021.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

constituem-se como substrato de desejo e potência de luta por reparação e justiça social.

3 “A luta é nossa vida”, Txai Suruí

> “[C]onstruir relações entre as gerações é fazer um compromisso com a vida que vai existir depois de nós”
>
> (Ailton Krenak, 2019)[16]

> “Meu nome é Txai Surui, tenho só 24 anos, mas o meu povo vive na floresta amazônica há pelo menos 6 mil anos. Meu pai, o grande cacique Almir Surui, ensinou que devemos ouvir as estrelas, a Lua, o vento, os animais e as árvores. […] Precisamos de novos caminhos com mudanças corajosas e globais. Não é 2030 ou 2050, é agora ! […] pessoas indígenas estão na linha de frente da emergência climática e por isso devemos ocupar centralidade nas tomadas de decisões que acontecem aqui. Nós temos ideias para adiar o fim do mundo. […] permitam-nos lutar por um futuro e presente habitáveis. É necessário sempre acreditar que o sonho é possível.”[17]

Ao passo que se apresenta, Txai Suruí anuncia que tem “apenas” 24 anos, de maneira que para dizer de si, é preciso também falar de seu povo, que vive na floresta há seis mil anos ; tempo que também é o seu tempo. Em seguida, Txai recorre à ascendência direta, seu pai, que lhe passou o saber de como devemos ouvir a natureza. A jovem levanta a bandeira de que os povos indígenas possuem epistemologias e ideias para que possamos sair da esteira do fim do mundo.

Amanda Costa, por sua vez, quando se apresentou no *Ted Speaker* em vídeo publicado em 18/01/2022, assim como Txai, também recorreu à sua ancestralidade para ancorar seu lugar de resistência :

> Sou Amanda Costa, sou mulher preta, internacionalista e ativista. Sou filha do Anselmo e da Disleide, irmã da Thaís e neta da avó Jandira, que foi muito corajosa ao migrar de Iguarapava até Minas Gerais com apenas oito anos de idade para trabalhar. Minha avozinha me ensinou a ser guerreira, a amar a natureza e a viver pela fé.

Ao dizer de si, Amanda fala da avó Jandira e esse laço me leva também à escolha do Sankofa como logotipo do Perifa Sustentável. Trata-se de um ideograma representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás, presente no conjunto de símbolos ideográficos dos povos Acãs, originários de Gana e Costa do Marfim. Pode ser traduzido como “volte e pegue” ou “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro” (Nascimento & Gá, 2009). Essa escolha reflete o posicionamento ético de recuperar o legado silenciado e reconhecer a história para sustentar a luta.

[16] Reportagem de Renata Penzani sobre encontro com Ailton Krenak à propósito da educação, publicado em 02/05/2019 : “O que as crianças aprendem ficando presas ? A fugir”.

[17] Texto transcrito de material em vídeo divulgado no Youtube da apresentação realizada por Txai Suruí na abertura da COP-26 em 01/11/2021.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

A ancestralidade, tanto para povos originários indígenas quanto de ascendência africana, não está confinada no passado ; a temporalidade não se restringe ao cativeiro da linearidade histórica cronológica. Neste sentido, alargar o que entendemos por tempo quando nos referimos a infâncias e juventudes, mostra-se fundamental. Uma compreensão linear de tempo solapa a própria experiência de vida e nos leva ao imediatismo.

Na cosmovisão africana brasileira, o tempo é impregnado de força vital, "o passado não é fossilizado", é potencialmente transformador, está "prenhe de ancestralidade" (Oliveira, 2006, p. 52). A pesquisadora Veridiana Machado (2016), autora de *Cajado de Lemba : o Tempo no candomblé de nação Angola*, investigou a presença africana bantu no Brasil em articulação à maneira como se compreende o Tempo[18], que escapa a designações, é sem começo ou fim, sem medida, divino e prosaico.

Quando a ancestralidade nos cabe, aprendemos tanto sobre nossos limites quanto sobre nossas possibilidades. Para Fu-Kiao (2015), pesquisador congolês, na visão Bântu Kongô, andar no passado seguindo *Kini Kia bakulu* ("a sombra dos ancestrais"), nos ampara e faz reviver os laços de comunidade de modo a fortificá-los e expandi-los. Recorrer à ancestralidade ou assumi-la, reconhecê-la, andar por ela e com ela, não é retornar a um passado nostálgico. A compreensão de tempo aqui é curva, sincronia de passado, presente e futuro, é recorrente, espiralar, anelada, retorna, restabelece e transforma : "É através da ancestralidade que se alastra a força vital" (Martins, 2021, p. 63).

Almir Suruí, pai de Txai e filho de sobreviventes dos massacres que quase dizimaram sua etnia, conta, ao lado de Txai no programa Roda Viva[19], que ainda criança acompanhou seus antepassados guerreiros na luta por direitos e garantia de vida em seus territórios. Almir diz que cresceu com essas imagens, são elas que sustentam sua batalha e é isso que transmite para sua filha. Reivindicar o estatuto de sobrevivente em articulação com essa perspectiva de tempo, como é o caso de indígenas ou descendentes de africanos escravizados, permite com que uma força vital se transmita pela dignidade da memória e do reconhecimento. Vivificam a ancestralidade e descolam-se da condição desamparada de resto, daqueles que sobraram.

Foi a escuta de memórias de sobreviventes das bombas atômicas lançadas pelos Estados-Unidos em Hiroshima e Nagasaki que levou Cristiane Nakagawa, psicanalista e psicóloga social, a compreender como laços afetivos tecidos pelo reconhecimento possibilitam o senso de solidariedade e o engajamento na luta contra o esquecimento : "Ser um sobrevivente significa poder usar de sua mais profunda dor para estabelecer comunicação com os outros e com o mundo" (2021, p. 13). Nesse processo, a pessoa torna-se resistência quando percebe que para compreender os enigmas de sua história, precisa voltar-se para o espaço sociopolítico, para além de si, e investindo em responsabilidade social.

[18] A letra maiúscula é utilizada para que não se esqueça de sua propriedade divina ; Tempo é "força espiritual" entranhada subjetivamente.

[19] Roda viva, tradicional programa de entrevista da televisão brasileira. Há 35 anos no ar, o entrevistado é colocado no centro da roda e responde a questões de diferentes interlocutores.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

A brutalidade da memória se liga à palavra, ao pacto social, ao que é compartilhado por co-vivência (Katz, 2021) e o laço tecido tanto entre seus pares como com a ancestralidade reconfigura também a imagem de si. Neste sentido, os relatos que tenho observado de parcerias entre juventudes negras e indígenas na luta por justiça climática me levam a pensar que, apesar das diferenças, ligam-se por um repertório de dor e resistência que lhes mune de potência : "Porque sobrevivemos, e sobreviver gera o desejo por mais de si", contribui Audre Lorde (2019, p. 195).

No exercício da luta coletiva, ao mesmo tempo em que atuam no mais necessário para que reparação social e ecológica se realizem, permitem com que seus antepassados (seres vivos, mas não apenas) também sejam reconhecidos. Vale ouvir a entrevista de Txai no Roda Viva, e perceber como ressaltava a todo momento que não estava na COP-26 sozinha, foi acompanhada de outras mulheres indígenas de diferentes etnias, assim como de integrantes do movimento da Coalização Negra por Direitos. Este foi o ano de maior presença negra e indígena da história das COPs, e, apesar do atraso, indica mudanças no cenário em relação ao reconhecimento de que essas populações precisam ocupar centralidade nos debates sobre as mudanças climáticas. Juventudes negras no Brasil se somam ao discurso de Txai também no sentido de que a resignação não é um privilégio de que possam usufruir, pois lutam contra a morte apressada diariamente, a crise que ameaça suas vidas é cotidiana. Lutar pelo futuro é lutar pelo que foi, mas também para sobreviverem : "Quando a gente é indígena, a gente não tem pra onde correr. A luta é nossa vida", diz Txai.

Como apontei anteriormente, é possível que estas juventudes tenham sido convidadas a entrar nas salas de decisão para compor a foto, mas aqueles senhores não contavam que com aquela/o/es poucos "representantes", viriam muita/o/es. Abriram uma fresta, e, pelo que tenho observado neste movimento que se acelerou em 2021, sustentarão as portas escancaradas não só para que estes espaços sejam ocupados, mas também para que sejam transformados, exigindo mais do que representatividade. Como diz Vitória Pinheiro, jovem ativista pelo clima e direitos da população LGBTQIA+, mulher trans e afro-indígena de Manaus : "Quando a gente pensa em representar, achamos que é uma pessoa ou um lugar. Mas quando falamos de sonhos coletivos, estamos falando de uma transformação que possa ser socialmente justa e que inclua o máximo de pessoas possíveis"[20].

Considerações finais

"Não nos enganemos, as coisas vão piorar muito !
Precisaremos ser piores ainda",
(Campos Leal, 2021, p. 22)

É uma criança que denuncia que "o rei está nu" e retira a todos da ilusão, do não-dito vergonhoso, obsceno, escancarado e compartilhado (Voltolini, 2020). Dar escuta, centralidade e protagonismo tanto às infâncias e juventudes quanto às populações do Sul marginalizadas, descortina a violência opressora colonial travestida de civilização e, mais ainda, nos oferta insumo para nutrir a confecção de teorias sociais alternativas para sonharmos e co-construirmos formas de estar no mundo menos predatórias e

[20] Entrevista concedida à Gabriela Bardusco para Vogue, 5/11/2021.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

excludentes (Burman, 2019 ; Castro, 2021a, 2021 ; Katz, 2021). Porta-vozes que são, captam a vida pelo senso crítico encarnado em seus corpos e denunciam nossos tempos. De que adianta ir pra universidade se não vai ter mundo ? É possível salvar o futuro ?

As vinhetas dos jovens que abrem esse texto com seus apavoramentos diante do futuro descortinam o mal-estar contemporâneo e os efeitos do processo de individualização neoliberal progressivo que culmina nas mais variadas formas de sofrimento psíquico e social. Lembro aqui da frase citada por Vladmir Safatle (2021, p. 17) : "*No era depresión, era capitalismo*", pixada em um muro no Chile à ocasião da revolta de 2019.

Uma grande parcela das juventudes comunica por meio de seus corpos que não têm desejo de viver neste mundo : "Sintomas são também formas de resistência", defende o psicanalista Christian Dunker (2021, p. 192). São resposta ao Outro[21] e precisam ser ouvidos como denúncia. Nomeações como "ansiedade climática", "eco-ansiedade" ou "depressão climática", por exemplo, já têm começado a circular e é possível que já estejamos medicando individualmente antes de ouvir o que dizem socialmente.

A resignação melancólica se alinha ao desamparo. Não sabemos o que fazer diante da catástrofe anunciada porque, de fato, nada podemos sozinhos. Não por acaso, o neoliberalismo ataca diretamente o senso de comunidade e isso é um perigo (Hooks, 2021). Estão nos convencendo de que poderemos viver muito bem em novos mundos virtuais e tem até gente dizendo que essas estratégias seriam ecológicas, uma vez que ninguém usaria carros para trabalhar em uma empresa virtual. Contudo, pouca gente pensa que ainda haverá quem entregará a comida e limpará a casa e a rua com corpos que não serão avatares.

Ailton Krenak (2019) alerta que as grandes corporações têm devorado florestas na mesma velocidade com que constroem ambientes artificiais para '"humanos zumbis". São bastante engenhosas, pensam que têm o mundo em suas mãos, mas "esquecem-se que há muitas constelações de gente pelo mundo que ainda sabe compartilhar, que dança, canta e faz chover" (*ibid.*, p. 13).

Pois bem, vidas empobrecidas e mutiladas na ética coletiva constrangem posições desejantes, mas não as impedem. Resistências irrompem. Jovens ativistas do clima têm nos oferecido exemplos de como se contrapõem a gerações passivas e inebriadas consigo mesmas. Mostram-se capazes de assumir liderança e recuperar o futuro. Tomadas pelo senso de urgência de que é preciso fazer algo e não é pouco, sem tardar, compreendem que esta implicação só pode se dar de forma solidária.

A "esperança coletiva" surge como orientação chave para o futuro como uma espécie de desejo compartilhado (Spyrou, 2020). Juntos, juventudes, negros e indígenas reconhecem-se mutuamente, politizam o cuidado e confeccionam outras tessituras de passado e presente para sustentarem o futuro. Tanto com seus pares de pouca idade

[21] Termo utilizado por Jacques Lacan para designar "um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou, ainda, Deus – que determina o sujeito, ora de maneira externa a ele, ora de maneira intra-subjetiva em sua relação com o desejo" (Roudinesco et Plon, 1998, p. 558). Lacan diferencia "Outro" de "outro", para demarcar o registro da alteridade no campo do inconsciente.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

quanto de mãos dadas com a ancestralidade, revelam que a posição desejante de luta encarna o grito de insubordinação (Endo, 2010).

Ofertam-nos, ainda, caminhos do agir em comum, dando sinais de como "aterrar" (Latour, 2017), de como nos orientarmos em lutas comuns que suportem e acolham as diferenças. Neste sentido, sigo o farol de corajosa/e/os desertores de colonialidade que anunciam o tempo de "criar y inventar ferramentas onto-epistémicas mais próximas do contexto sudaka, e, portanto, mais eficazes na luta anticolonial que, agora, mais do que nunca, se anuncia como uma necessidade vital" (Campos Leal, 2021, p. 15). Elaboram trauma enquanto tecem futuro.

Referências

Acselrad, H. (2010). Ambientalização das lutas sociais o caso do movimento de justiça ambiental. *Estudos Avançados*, 24, 103-120.

Bacelar, R.P., e Castro, L. R. de. (2015). Modos de subjetivação de jovens nas tramas do ambientalismo : uma análise psicopolítica. *Revista Psicologia Política*, 15(33), 317-333.

Bairrão, J.F.M.H. (2005). Adolescência em transe : afirmação étnica e formas sociais de cognição. *Proceedings of the 1th Simpósio Internacional do Adolescente*, São Paulo, Brazil URL : http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext\&pid=MSC0000000082005000100003\&lng=en\&nrm=iso

Bairrão, J.F.M.H. (2017). Protagonismo epistêmico dos povos indígenas : o papel da etnopsicología. *Psicologia para América Latina*, p. 53-62.

Bento, C. (2022). *O pacto da branquitude*. Companhia das letras.

Buhler, C. (1935). *From Birth to Maturity*. Routledge and Kegan Paul.

Burman, E. (2016). *Deconstructing Developmental Psychology*. Routledge.

Burman, E. (2019). *Fanon, Education, Action : child as method*. Rouledge.

Burton, J. (2019). Look at Us, We Have Anxiety : Youth, Memes, and the Power of Online Cultural Politics. *Journal of Childhood Studies*, 44 (3), 3-17. DOI : 10.18357/jcs00019171

Campos Leal, A. (2021). *Ex/orbitâncias : os caminhos da deserção de gênero*. GLAC edições.

Cardoso, L. (2020). *O branco ante a rebeldia do desejo : Um estudo sobre o pesquisador branco que possui o negro como objeto científico tradicional. A branquitude acadêmica* (vol. 2). Appris.

Castro, L.R. (2008). Participação política e juventude : do mal-estar à responsabilização pelo destino comum. *Revista Sociologia Política*, 16 (30), 253-268. DOI : 10.1590/S0104-44782008000100015

Castro, L.R. (2021a) Decolonising child studies : development and globalism as orientalist perspectives. *Third World Quarterly*, 42 (11), 2487-2504. DOI : 10.1080/01436597.2020.1788934

Castro, L.R. (2021b). *Infâncias do sul global : experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil*. EDUFBA.

Castro, L.R. ; Perez, B.C. ; Silva, C.F.S. (2010). Os jovens no trabalho solidário : novos rumos da participação politica ? *Juventude.br (Centro de Estudos e Memória da Juventude)*, 5, 42-47.

Césaire, A. (1978). *Discurso sobre o colonialismo* (Trad. Noemia de Sousa). Sá da Costa Editora.

Clayton, S. (2018). Mental health risk and resilience among climate scientists. *Nature Clim Change*, 8, 260–261. DOI : 10.1038/s41558-018-0123-z

Clayton, S. (2020). Climate anxiety : Psychological responses to climate change. *Journal of Anxiety Disorders*, 74, 102263. DOI : 10.1016/j.janxdis.2020.102263

Dirlik, A. (2012). Developmentalism : A critique. *Interventions : International Journal of Postcolonial Studies*, 16 (1), 30-48. DOI : 10.1080/1369801X.2012.735807

Dörries, M. (2010). Climate catastrophes and fear. *Wiley Interdisciplinary Reviews : Climate Change*, 1 (6), 885-890. DOI : 10.1002/wcc.79

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

Dowbor, L. (2017). *A era do capital improdutivo : Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo ?* Autonomia Literária.

Dowbor, L. (2020). *O capitalismo se desloca : novas arquiteturas sociais*. Edições Sesc.

Dunker, C. (2021). A hipótese depressive. In V. Safatle, N. Silva Junior, C. Dunker (dir.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (p. 177-212). Autêntica.

Endo, P.C. (2010). Partilha, testemunho e a insistência e impermanência do dizer. In G. Milán-Ramos, N. V de A. Leite (dir.), *Terra-mar : litorais em Psicanálise-escrita, cinema, política e educação* (p. 153-164). Mercado de letras.

Fanon, F. (1968). *Os condenados da Terra* (Trad. José Laurenio de Melo). Civilização Brasileira.

Fanon, F. (2008 [1952]). *Pele negra, máscaras brancas*. Edufba.

Faustino, D.M. (2015). *« Por que Fanon ? Por que agora ? » : Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos.

Ferreira, L. da C. (2017). O desafio das mudanças ambientais globais no Antropoceno. In L. da C. Ferreira (éd.), *O Desafio das Mudanças Climáticas : Os Casos Brasil e China* (p. 15-56). Paco Editorial.

Frazer, N. (2021). *O velho está morrendo e o novo não pode nascer* (Trad. Gabriel Landi Fazzio). Autonomia Literária.

Fu-Kiao, K.K.B. (2015). A visão Bântu Kongô da Sacralidade do Mundo Natural. URL : https://estahorareall.files.wordpress.com/2015/07/dr-bunseki-fu-kiau-a-visc3a3o-bantu-kongo-da-sacralidade-do-mundo-natural.pdf

Fustino, D. M. (2018). Reflexões indigestas sobre a cor da morte. In M. Feffermann, *et al.* (dir.), *As interfaces do genocídio : raça, gênero e classe* (p. 141-158). Instituto 211 de Saúde.

Gesell, A. (2012 [1928]). *Infancy and Human Growth*, Literary Licensing.

Godard, O. (2015). *La justice climatique mondiale*. La Découverte.

Gomes, N. L. (2017). *O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação*. Vozes.

Gonçalves, P.M. de C. (2010). *Anticorpos de Gaia no encontro das águas : trajetórias de aprendizado de jovens nas trilhas do ambientalismo*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo.

Hooks, B. (2021). *Ensinando comunidade : uma pedagogia da esperança* (Trad. Kenia Cardoso). Ed. Elefante.

IPCC. (2022). Climate Change 2022 : Impacts, Adaptation and Vulnerability. URL : https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/

Katz, I. (2021). O recurso à criança para dizer o indizível. *Lacuna : uma revista de psicanálise*, 11, 5. URL : https://revistalacuna.com/2021/08/26/n-11-05/

Katz, I. (2022). Infâncias contra hegemônicas para descolonizar a psicanálise. *Coleção : Decolonização e Psicanálise*, 1, s/p. URL : https://www.n-1edicoes.org/infancias-contra-hegemonicas-para-descolonizar-a-psicanalise?

Kilomba, G. (2019). *Memórias da Plantação : episódios de racismo cotidiano* (Trad. Jess Oliveira). Cobogó.

Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo,* Companhia das Letras.

Latour, B. (2015). *Face à Gaïa. Huit conférences sur le nouveau régime climatique.* La Découverte.

Latour, B. (2017). *Où aterrir ? Comment s'orienter em politique*. La Découverte.

Lorde, A. (2019). *Irmã Outsider : ensaios e conferências* (Trad. Stephanie Borges). Autêntica.

Ma, T., Moore, J., Cleary, A. (2022). Climate change impacts on the mental health and wellbeing of young people : A scoping review of risk and protective factors. *Social Science & Medicine,* 301, 114888. DOI : 10.1016/j.socscimed.2022.114888

Machado, V. S. (2015). *O cajado de Lemba : o tempo no candomblé de nação Angola*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade de São Paulo.

Maia, G. L. (2013). A juventude e os coletivos : como se articulam novas formas de expressão política. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, 8 (1), 58-73.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

Marques, V. (2021) Prefácio à edição Brasileira. In N. Frazer, *O velho está morrendo e o novo não pode nascer* (Trad : Gabriel Landi Fazzio) (p. 7-32). Autonomia Literária.

Martins, L. M. (2021). *Performances do tempo espiralar*. Cobogó.

Martinez-Alier, J., Temper, L., Del Bene, D., Scheidel, A. (2016). Is there a global environmental justice movement ? *The Journal of Peasant Studies*, 43 (3), 731-755. DOI : 10.1080/03066150.2016.1141198

Moore, C. (2009). *Racismo e Sociedade : novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Mazza edições.

Mbembe, A. (2018). *A crítica da Razão Negra* (Trad. Sebastião Nascimento). N-1 edições.

Mbembe, A. (2019). *Sair da grande Noite : ensaio sobre a África descolonizada* (Trad. Fábio Ribeiro). Vozes.

Memmi, A. (2007 [1967]). *Retrato do Colonizado precedido de Retrato do colonizador* (Trad. Marcelo Jacques de Moraes). Civilização Brasileira.

Millei, Z. (2021). Temporalizing Childhood : A Conversation with Erica Burman, Stephanie Olsen, Spyros Spyrou, and Hanne Warming. *Journal of Childhood Studies*, 46 (4), 59-73. DOI : 10.18357/jcs464202120211

Nakagawa, C. (2021). Sobrevivência, Solidariedade, resistência e responsabilidade Social. *Fundação Japão em São Paulo*, Série especial Japão e catástrofes : para refletir sobre o Japão frente às adversidades em tempos de pandemia do coronavírus, 22/02/2021. URL : https://fjsp. org.br/estudos-japoneses/wp-content/uploads/sites/3/2021/02/texto-cristiane-nakagawa.pdf

Nascimento, E.L., Gá, L.C. (2009). *Adinkra : Sabedoria em símbolos africanos*. Ipeafro, Pallas.

Oliveira, E. (2006). *Cosmovisão africana no Brasil : Elementos para uma filosofia afrodescendente*. Ed. Gráfica Popular.

Paz, D.T., Higuchi, M.I.G. (2018). Origem do interesse, motivação e preocupação ambiental em jovens engajados socioambientalmente na região metropolitana de Manaus, AM. *Sustentabilidade em Debate*, 9 (1), 232-245. DOI : 10.18472/SustDeb.v9n1.2018.25541

Piaget, J. (1928). *Judgement and Reasoning in the Child*. Routledge and Kegan Paul.

Peixoto, L.A.G (2011). *O engajamento ecológico como possibilidade de formação da politicidade dos jovens*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília.

Pellow, D. (2006). Social inequalities and environmental conflict. *Horiz. antropol.*, 12 (25), 15-29. DOI : 10.1590/S0104-71832006000100002

Perondi, M. (2013). *Narrativas de jovens : experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pleyers, G. (2005). Young people and alter-globalisation : from disillusionment to a new culture of political participation. In J. Forbrig (dir.), *Revisiting youth political participation : challenges for research and democratic practice in Europe* (p. 133-144). Council of Europe.

Qvortrup, J. (1994). Childhood matters : An introduction. In J. Qvortrup, *et al.* (dir.), *Childhood Matters : Social Theory, Practice and Politics* (p. 1-23). Avebury.

Qvortrup, J, Corsaro, W., Honig, M-S. (2011). Why social studies of Childhood ? An Introduction to the Handbook. In Qvortrup, J, Corsaro, W., Honig, M-S. (éds.), *The Palgrave Handbook of Childhood Studies* (p. 1-18). Palgrave Macmillan.

Robinson, M. (2021). *Justiça Climática : esperança, resiliência e luta por um futuro sustentável* (Trad. Leo Gonçalves ; Clóvis Marques). Ed. Civilização Brasileira.

Roudinesco, E. et Plon, M. (1998). *Dictionnaire de la psychanalyse*. Fayard.

Rougeon, M. (2021). Lire les dégradations environnementales et sanitaires au prisme de la racialisation. Prémisses d'une ethnographie sur l'île de Maré (Bahia, Brésil). *Carnets de terrain*, blog de la revue *Terrain*, 23 février. URL : https://blogterrain.hypotheses.org/16523

Rougeon, M., Mota, Cl., Trad L. (2022). Racisme environnemental. In *Anthropen : Le dictionnaire francophone d'anthropologie ancré dans le contemporain*. DOI : https://doi.org/10.47854/anthropen.v1i1.41086.

Safatle, V. (2021). A economia é a continuação da psicologia por outros meios : sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In V. Safatle, N. Silva Junior, C. Dunker (dir.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (p. 17-46). Autêntica.

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550

Schucman, L. (2020). *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo : branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. Veneta.

Silva, L.H.P. (2012). Ambiente e justiça : sobre a utilidade do conceito de racismo ambiental no contexto brasileiro. *e-cadernos CES*, 17, 85-111. DOI : 10.4000/eces.1123

Spyrou, S. (2020). Children as future-makers. *Childhood*, 27 (1), 3-7. DOI : 10.1177%2F0907568219884142

Voltolini, R. (2021). Katz, Ilana. Infância e Política. Youtube. URL : https://youtu.be/idwlGHg_GeM (Consulté le : 05/09/2022)

Yusoff, Kathryn. (2018). *A Billion Black Anthropocenes or None*. University of Minessota Press.

Fontes Documentais

Alves, G. (2022). O que "resistência" significa para uma mulher negra no Brasil : Uma história sobre como a luta por justiça climática me reconectou à minha vontade de mudar o mundo. Relato pessoal concedido a 350.org. URL : https://ourclimateimpact.org/o-que-resistencia-significa-para-uma-mulher-negra-no-brasil/?fbclid=IwAR2RzxEqjHma-CiybTynkaPx2xbDIclP30Aqc0YeiIlpEcxyHB1a6cwYRQ0 (Consulté le 05/09/2022).

Costa, A. (2022). Periferia é o Centro. [Entrevista concedida a] Maiara Marinho, Ecoa UOL, 14/03/2022. URL : https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/causadores-amanda-costa/\#end-card (Consulté le 05/09/2022).

Costa, A. (2021). "A mudança virá da periferia", diz a ativista Amanda da Cruz Costa. [Entrevista concedida a] Lucas Veloso. Meio Ambiente e Sustentabilidade, Na Perifa., *O Estado de São Paulo* 4/11/2021. URL : https://expresso.estadao.com.br/naperifa/a-mudanca-vira-da-periferia-diz-ativista-ambiental-amanda-da-cruz-costa/ (Consulté le 05/09/2022).

Costa, A. (2021). Conheça a "Perifa Sustentável", um dos coletivos que representam vozes negras na COP26. [Entrevista concedida a] Gabriela Bardusco. Atualidades. Vogue Brasil. Globo.com. 5/11/2021. URL : https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2021/11/conheca-perifa-sustentavel-um-dos-coletivos-que-representam-vozes-negras-na-cop26.html (Consulté le 05/09/2022).

Costa, A. (2021). Precisamos falar sobre o Racismo Ambiental. Youtube, URL : https://www.youtube.com/watch?v=3aEFKgGML-o (Consulté le 05/09/2022).

Pinheiro, V. (2021). Conheça a "Perifa Sustentável", um dos coletivos que representam vozes negras na COP26. [Entrevista concedida a] Gabriela Bardusco. Atualidades. Vogue Brasil. Globo.com, 5/11/2021. URL : https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2021/11/conheca-perifa-sustentaval-um-dos-coletivos-que-representam-vozes-negras-na-cop26.html (Consulté le 05/09/2022).

Rocha, M. (2021). Combate ao Racismo Ambiental. [Entrevista concedida a] Juliana Domingos de Lima, Ecoa UOL, 13/12/2021. https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/causadores-marcelo-rocha/ (Consulté le 05/09/2022).

Sampaio, M. (2021). Conheça a "Perifa Sustentável", um dos coletivos que representam vozes negras na COP26. [Entrevista concedida a] Gabriela Bardusco. Atualidades. Vogue Brasil. Globo.com., 5/11/2021. URL : https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2021/11/conheca-perifa-sustentavel-um-dos-coletivos-que-representam-vozes-negras-na-cop26.html (Consulté le 05/09/2022).

Surui, T. (2021). Discurso na COP26. Youtube. URL : https://www.youtube.com/watch?v=qoOSJ8nwE1Q (Consulté le 05/09/2022).

Published in : ROUGEON, Marina ; CHASLES, Virginie ; TRAD, Leny (dir.), *Ce que les injustices font à la santé. Enjeux sociaux, environnementaux et territoriaux*, Editions des archives contemporaines, ISBN : 9782813004550, doi : 10.17184/eac.9782813004550